

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Questão sobre as criaturas espirituais*. Trad. Carlos Nougé. São Paulo: É Realizações, 2017, 256p. ISBN: 978-85-8033-314-5.

Esta recente edição da coleção Medievalia nos oferece um genuíno exemplo do método escolástico. Trata-se da *Quaestio disputata de spiritualibus creaturis*, em edição bilingue, com a apresentação de Sidney Silveira e a tradução de Carlos Nougé.

A questão, dividida em onze artigos, foi escrita provavelmente entre os anos de 1267-1268, durante a estadia de São Tomás em Roma.

Sob inspiração neoplatônica (em especial Pseudo-Dionísio), o Aquinate estabelece o ser das “substâncias além da matéria” (p. 7), para tratar especificamente das criaturas espirituais, ou seja, os anjos. Conforme esquematiza Silveira, o Aquinate se vale do clássico dionisiano *Sobre a Hierarquia Celeste*, como horizonte teológico para determinar a natureza dos anjos, a sua função e a sua classificação, que serve de moldura para abordar o tema.

Entre os problemas centrais apontados na questão, destaca-se o do hilemorfismo universal. Como se sabe, para o Santo Doutor, as criaturas são compostas de ato e potência, substância e acidentes, essência e ato de ser. Todavia, nem todas são compostas de matéria e forma, pois os anjos são puras formas; donde São Tomás negar a tese do hilemorfismo universal.

A obra ainda deita luzes sobre “dois pontos cardeais da filosofia: metafísica e gnosiologia” (p. 10). A apresentação sintetiza a argumentação filosófica a favor da existência dos anjos, cuja prova gira em torno da presença de uma intrínseca perfeição no universo, e da gradação na hierarquia do ser, que exigem postular a criatura puramente espiritual entre os homens e Deus.

Já o primeiro artigo trata dessa temática oferecendo o tônus, à maneira de cascata, para todos os demais. Com exemplar rigor filosófico, o Aquinate oferece nada menos que 25 argumentos em favor da tese do hilemorfismo universal, ou seja, também aplicável aos anjos. A seguir, rebate com 14 contraobjeções (*sed contra*), além da resposta geral contrária à tese e respostas que desmontam cada uma das 25 objeções. A solução parte da teoria segundo a qual quanto mais perfeito um ato, mais próximo ele está de Deus. Ora, as criaturas mais próximas d’Ele são as espirituais, “daí que sejam as que maximamente se acercam da perfeição do ato primeiro, comparando-se às criaturas inferiores como o perfeito ao imperfeito, e como o ato à potência” (p. 37).

Os três artigos sucessivos tratam do problema da união substancial entre corpo e alma no homem. Os artigos 5-8

continuam a realizar o paralelismo anjo/homem e, por fim, os artigos 9-11 tratam da antropologia filosófica.

O artigo segundo enuncia: “Indaga-se se a substância espiritual pode unir-se a um corpo”. A resposta é afirmativa, pois a alma, por definição, é a forma do corpo, em sentido inverso à opinião averroísta, que postulava o intelecto possível separado do corpo (p. 59). Além disso, a alma é a mais ínfima das substâncias espirituais e, por ser apenas parte da natureza humana, não contém em si a perfeição desta ao se destacar do corpo. Por fim, esclarece-se com Pseudo-Dionísio que o anjo pertence a uma espécie superior à alma. Os anjos não são, pois, almas sem corpos.

O artigo sucessivo questiona se a alma humana se une ao corpo por algum meio. No *sed contra* n. 2, o Aquinate argumenta evocando o seguinte princípio: “Mais distam Deus e a alma que a alma e o corpo. Mas, no mistério da encarnação do Verbo, este se uniu à alma imediatamente. Logo, com muito mais razão [não] pode dar-se um meio entre a alma e o corpo” (p. 81). Vale observar que a tradução acabou omitindo a negação contida entre os colchetes, levando à conclusão oposta ao original. Pois bem, a alma é a forma pela qual o corpo é corpo (s.c. 5) e, por isso mesmo, não pode haver intermediários entre corpo e alma.

O quarto artigo se pergunta se a alma está em cada parte do corpo. A resposta tomista se baseia em São João

Damasceno: “O anjo está ali onde opera; pela mesma razão, portanto, a alma” (p. 105). Nessa esteira, São Tomás deduz que assim como todo ato está completo naquilo que atualiza, assim também a alma em relação ao corpo.

O artigo seguinte versa propriamente sobre o tema da possibilidade de uma substância espiritual existir sem união com o corpo. São Tomás recorre, no primeiro *sed contra*, à autoridade de Pseudo-Dionísio: “Os anjos são incorpóreos e imateriais”. O Aquinate ainda reforça o argumento do primeiro artigo: Na ordem hierárquica, é impossível existir uma substância corpórea (composta, portanto) logo abaixo de Deus; por isso, é imperioso admitir a inclusão de seres intermédios, a saber, as substâncias incorpóreas, que não precisam de corpo para a sua operação intelectual. Donde a necessidade de postular a existência dos anjos.

O sexto e sétimo artigos, menos relevantes, negam a possibilidade de as substâncias espirituais unirem-se a corpos celestes e aéreos.

O artigo oitavo interroga se os anjos se diferenciam entre si pela espécie. Eis o argumento central de São Tomás (s.c. 2): “Parece que só se multiplicam segundo o número em uma espécie os [seres] que são corruptíveis, para que a natureza da espécie, que não pode conservar-se em um, se conserve em muitos. Mas os anjos são incorruptíveis. Logo, não há muitos anjos em uma espécie” (p.

159). Com efeito, a multiplicação de indivíduos em uma espécie ocorre pela multiplicação da matéria. De modo análogo, a brancura abstraída de um sujeito subsistente não pode subsistir segundo diversas espécies. Conclui o Aquinate: “Similarmente, se houvesse humanidade abstrata, não seria senão uma só” (p. 161). Os universais, por definição, são únicos e indivisíveis.

Conforme já mencionado, o nono artigo adentra pela seara antropológica. Trata-se da clássica questão acerca da possibilidade de um intelecto possível para todos (Nougué traduz por “muitos” no título) os homens. O argumento contrário à tese se fundamenta inicialmente na autoridade da Escritura. Quando o Apocalipse (7,9) fala em “multidão que ninguém podia contar”, refere-se às almas desligadas do corpo, indicando multiplicidade de almas intelectivas. Ora, isso ocorre não apenas na visão beatífica, mas também quando as almas estão unidas a seus corpos.

Na resposta, o Aquinate cita o próprio Averróis, para quem o intelecto possível “seria uma substância separada dos corpos dos homens segundo o ser, a qual, porém, se juntaria a nós pelos fantasmas” (p. 183). Ou seja, segundo o Comentarista, haveria um único intelecto agente para todos. Pois bem, essa proposição é evidentemente contrária à fé, pois desconsidera os méritos e as penas individuais. Contudo, São Tomás, com grande honestidade intelectual, pondera, respeitando os

respectivos âmbitos da razão e da fé: “Mas deve mostrar-se que esta posição é de si impossível pelos verdadeiros princípios da Filosofia” (p. 185). Assim, superando os dados da Revelação, rebate a tese averroísta: se dois “inteligem por um só intelecto possível, seguir-se-ia que haveria uma e mesma operação em número dos dois; assim como, se dois homens vissem por um só olho, se seguiria que haveria a mesma visão dos dois” (idem). A segunda prova parte da argumentação do VII livro da *Metafísica*, a saber: “Os princípios da espécie, segundo estão determinados, constituem o indivíduo, de modo que, se a razão do homem é que seja de alma e de corpo, da razão deste homem é que seja desta alma e deste corpo” (idem). Em terceiro lugar, se fosse único o intelecto possível, não haveria a aplicação da potência e do ato ao conhecimento, ou seja, conheceríamos o que os homens precedentes já conheceram, por uma espécie de reminiscência. Porém, o intelecto possível, na acepção aristotélica, é “parte da alma”; portanto, não pode ser separado dela.

Tampouco o intelecto agente pode ser único para todos os homens (art. 10). O *sed contra* se firma na autoridade de Aristóteles para quem o “intelecto agente é algo da alma” (p. 205). É interessante advertir, porém, que São Tomás não adota um puro naturalismo na sua teoria do conhecimento, pois sustenta que o homem entende por participação da luz suprema. Assim, crê necessário postular

um “intelecto que exista sempre em ato, e que seja totalmente perfeito na inteligência da verdade” (p. 207). Sendo a perfeição ou beatitude última do homem necessariamente conforme à sua operação intelectual, a sua felicidade se alcançará em conexão com o intelecto agente, por meio do qual “discernimos o verdadeiro do falso, e o bom do mau” (p. 210). Em outras palavras, trata-se de um intelecto individual, por meio do qual recebemos a luz divina. Assim, os primeiros princípios no agir (e das ciências especulativas) “se contemplam pela luz do intelecto agente participado por Deus” (ad 9, in p. 219).

O último artigo diferencia a alma de suas potências, à maneira de um quadro que se distingue da pintura que nele se encontra. Além disso, os acidentes (como a paixão e o hábito) são distintos da alma. Em suma, somente em Deus o operar coincide com o ser.

Há quem opine que os melhores tradutores são aqueles que não são percebidos. Ora, a presente tradução pretende seguir as palavras do Aquinate à risca; contudo, inclina-se muito para o literalismo, o que acaba por dificultar a leitura. Por exemplo: “*Est quod Dionysius dicit IV cap. De Divin. Nomin. de Angelis ...*” – “Está o que diz Dionísio no capítulo IV de *De*

Div. Nomin. acerca dos anjos” (p. 33). Certamente a tradução ficaria mais clara se se utilizasse do verbo “haver”, sem perder a consonância com o texto latino. Além disso, na mesma página encontra-se o trecho: “*Praeterea, Avicenna et Algazel dicunt quod substantiae separatae, quae spirituales substantiae dicuntur, sunt omnino a materia denudatae*” – Ademais, dizem Avicenna e Algazel que as substâncias separadas, que se dizem substâncias espirituais, são de todos [*sic*] despidas de matéria”. Como se sabe, *omnino* é um advérbio de modo que significa “totalmente” (e não “de todos”, o que acaba distorcendo o sentido querido pelo Autor). Como este, outros trechos poderiam ser mencionados. Não obstante, é sempre preferível a literalidade, como a encontrada na versão de Nougué, às invenções que pululam em certas edições.

Como se sabe, a angelologia tem sido deixada de lado, infelizmente, no debate teológico hodierno. Eis uma obra para resgatar não somente o estudo sobre os anjos, mas também para realçar a sua importância em nossas vidas, tantas vezes endossada pela Bíblia, pelos Padres da Igreja e pelos teólogos medievais.

Felipe de Azevedo Ramos, EP
(Professor – IFAT)